

Organization
Editora Contemporânea



Culture and identity:
perspectives in the
human sciences

1st Edition



2024

Organization
Editora Contemporânea

EDITORIA



**Culture and identity:
perspectives in the human
sciences**

1st Edition

Editora Cotemporânea
2024

Copyright[©]
Editora Contemporânea
Copyright do Texto[©] 2024
Os autores
Copyright da Edição[©] 2024
Editora Contemporânea
Diagramação
Sabrina Binotti Alves
Edição de Arte
Sabrina Binotti Alves
Revisão
Os autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editor Chefe
João Paulo Perbiche
Conselho Editorial
Adilson Ferraz
Isabel Martins
George Fernandes da Silva
Lucas T. Galindo Filho
José Alan
José João Neves Barbosa Vicente

Site
www.revistacontemporanea.com
E-mail
ebooks@revistacontemporanea.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Culture and identity: perspectives in the human sciences [livro eletrônico] organização Editora Contemporânea. -- 1. ed. -- Curitiba, PR: Editora Contemporânea, 2024.

PDF.
Bibliografia.
ISBN: 978-65-982396-0-2
DOI: 10.56083/edcont.978-65-982396-0-2

1. Comportamento cultural 2. Sociedade 3. Cultura
4. Marketing 5. Comportamento político



ANO 2024

APRESENTAÇÃO

É com grande entusiasmo que a Editora Contemporânea apresenta a "Cultura e Identidade: Perspectivas nas Ciências Humanas -1ª Edição". Este livro é uma exploração profunda e instigante sobre a interseção entre cultura e identidade na sociedade contemporânea, oferecendo um olhar inovador sobre temas que moldam nossa compreensão do mundo.

A cultura e a identidade desempenham papéis fundamentais na teia complexa da sociedade. Mais do que meros conceitos, são forças vivas que moldam nossas interações, percepções e o próprio tecido social. Este livro destaca a importância intrínseca desses elementos na construção de significados, conexões e na formação da rica tapeçaria da diversidade humana.

Em uma era marcada pela globalização e interconexão, compreender as dinâmicas culturais e as nuances da identidade torna-se essencial. "Cultura e Identidade: Perspectivas nas Ciências Humanas" oferece *insights* cruciais para enfrentar os desafios contemporâneos, promovendo diálogos interculturais, abordando questões de inclusão e reconhecendo as complexidades das identidades individuais e coletivas.

Este volume não apenas analisa criticamente as questões culturais e identitárias, mas também lança luz sobre as perspectivas futuras das pesquisas em ciências humanas. Desde investigações sobre identidades em transformação até análises das influências culturais na formação de comunidades, as contribuições deste livro pavimentam o caminho para novas abordagens e reflexões na academia.

Expressamos nossa sincera gratidão aos dedicados contribuintes que tornaram possível a realização desta primeira edição. Cada autor trouxe uma visão única e valiosa, enriquecendo o diálogo sobre cultura e identidade nas ciências humanas. Seus esforços coletivos resultaram em uma obra que inspira e desafia, contribuindo para a compreensão profunda da complexidade humana.

Convidamos os leitores a mergulharem nas páginas desta obra singular. Descubram as perspectivas multifacetadas sobre cultura e identidade que este livro oferece. Que ele inspire reflexões, diálogos e ações que promovam uma compreensão mais profunda e inclusiva da diversidade humana.

A Editora Contemporânea agradece por se juntar a nós nessa jornada de exploração intelectual e descoberta.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01	1
EFEITOS DA PERCEPÇÃO DO COMPORTAMENTO POLÍTICO NO DESEMPENHO ORGANIZACIONAL	
DOI: 10.56083/edcont.978-65-982396-0-2_1	
CAPÍTULO 02	16
O NOVO ESPAÇO DO MARKETING DE VENDAS DIRETAS	
DOI: 10.56083/edcont.978-65-982396-0-2_2	
CAPÍTULO 03	38
A EXPRESSÃO DRAMÁTICA NA FORÇA DE VENDAS	
DOI: 10.56083/edcont.978-65-982396-0-2_3	
CAPÍTULO 04	56
UMA PROPOSTA AVALIATIVA PARA AS AÇÕES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
DOI: 10.56083/edcont.978-65-982396-0-2_4	
CAPÍTULO 05	74
INTELIGÊNCIA SOCIAL: DESVENDANDO A CIÊNCIA DAS RELAÇÕES HUMANAS	
DOI: 10.56083/edcont.978-65-982396-0-2_5	



CAPÍTULO 05

INTELIGÊNCIA SOCIAL: DESVENDANDO A CIÊNCIA DAS RELAÇÕES HUMANAS

Maria N. Cunha, PhD

Professor School of Communication, Arts and Creative Industries
ISEC Lisboa – Higher Institute of Education and Sciences, Lisboa, Portugal
CIAC - Research Centre in Arts and Communication
ORCID: 0000-0002-1291-231X
Email: maria.cunha@iseclisboa.pt

Oleksandr P. Krupskyy, PhD

PhD in Psychology
Oles Honchar Dnipro National University, Dnipro, Ukraine
E-mail: krupskyy71@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Interagir de maneira positiva não é uma tarefa simples. A todo momento e por diversas razões, surgem conflitos que podem desencadear divergências entre as pessoas, muitas das quais são desafiadoras de resolver. Para aprimorar a interação entre os indivíduos, é crucial desenvolver a inteligência social, que resulta de uma interação perspicaz, autoconfiança e no aprimoramento de habilidades sociais essenciais.

Assim, a inteligência social destaca-se como a capacidade de o indivíduo aplicar funções cognitivas relacionadas à inteligência no mundo externo. Essa habilidade possibilita interações inteligentes com outros indivíduos e ambientes, fomentando o desenvolvimento da inteligência interpessoal, controlo emocional, comunicação verbal, reconhecimento da comunicação não verbal e uma habilidade de observação mais refinada (Candeias, 2019; Rodrigues, 2021).

O conceito de "Inteligência Social" foi introduzido pelo psicólogo e educador americano Edward Thorndike no início do século XX. Thorndike (1920) utilizou esse conceito para descrever a capacidade de interagir de maneira eficaz com outras pessoas em situações sociais, destacando a importância dessa habilidade para promover relações interpessoais saudáveis.

Breve Resenha Histórica

Os pioneiros nas investigações sobre inteligência foram Alfred Binet, no início do século XX e Hans Eysenck, em meados do século XX. O conceito de

inteligência foi introduzido no final do século XIX pelo polímata inglês Francis Galton, primo de Charles Darwin, que desempenhou um papel significativo no estudo da inteligência, especialmente por meio de suas contribuições à psicometria e ao desenvolvimento de métodos estatísticos (Boyatzis, 2002; 2009; 2014; 2016).

As ideias de Galton sobre inteligência foram fortemente influenciadas por seu interesse na hereditariedade e no estudo das características humanas. Na última década do século XIX, ele propôs o conceito de "gênio hereditário" e conduziu estudos sobre a herança das capacidades mentais. No entanto, sua abordagem era limitada e frequentemente tendenciosa, uma vez que se concentrava nos fatores hereditários, negligenciando as influências ambientais.

A compreensão moderna da inteligência evoluiu consideravelmente desde os dias de Galton. Psicólogos notáveis, como Alfred Binet, que desenvolveu o primeiro teste de inteligência amplamente utilizado no início do século XX, e pesquisadores posteriores, como Lewis Terman e David Wechsler, desempenharam papéis cruciais na formação da nossa compreensão contemporânea da inteligência. Atualmente, reconhecemos a inteligência como uma característica multifacetada e complexa, influenciada tanto por fatores genéticos quanto ambientais (Goleman, 2006; Boyatzis, 2002; 2009; 2014; 2016).

Ao abordar a **história dos pesquisadores da inteligência**, os investigadores optaram por introduzir um breve resumo histórico, embora incompleto (Cantor, 1987; Cherniss, 2000; Durlak, 2011; Boyatzis, 2002; 2009; 2014; 2016).

1. Francis Galton (1822-1911)

Anos de investigação sobre a inteligência: Finais do século XIX.

Contribuições para a teoria da inteligência: Investigação da hereditariedade da capacidade intelectual, desenvolvimento dos primeiros testes de inteligência, proposta do conceito de "gênio hereditário" (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

2. Charles Spearman (1863-1945)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde aproximadamente o final do século XIX.

Contribuição para a teoria da inteligência: Desenvolvimento da análise fatorial e da teoria da inteligência geral (fator g), a ideia da existência de um fator comum a vários tipos de atividade cognitiva (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

3. Alfred Binet (1857-1911)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde o final do século XIX.

Contribuições para a teoria da inteligência: Desenvolvimento dos primeiros testes de inteligência, incluindo a Escala Binet-Simon, precursora dos modernos testes de QI (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

4. Jean Piaget (1896-1980)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1920, aproximadamente.

Contribuição para a teoria da inteligência: Desenvolvimento da teoria do desenvolvimento cognitivo, propondo o conceito de estágio de desenvolvimento da inteligência nas crianças (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

5. Lev Vigotsky (1896-1934)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1920.

Contribuição para a teoria da inteligência: Desenvolvimento da teoria histórico-cultural, ênfase nos aspetos socioculturais da formação das funções mentais superiores, incluindo a inteligência (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

6. Hans Eysenck (1916-1997)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde meados do século XX.

Contribuição para a teoria da inteligência: Desenvolvimento da teoria dos dois fatores da inteligência, com ênfase em duas dimensões principais - "extroversão/introversão" e "estabilidade/instabilidade" (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

7. David Weiss (1921-2008)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1950.

Contribuições para a teoria da inteligência: Desenvolvimento da teoria da inteligência de Denver, incluindo o conceito de funções e processos intelectuais (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

8. Gene Piaget (1936-2021)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1960.

Contribuições para a teoria da inteligência: Continuação e desenvolvimento do trabalho de Jean Piaget em psicologia cognitiva e teoria do desenvolvimento (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

9. Robert Young (nascido em 1943)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1970.

Contributos para a teoria da inteligência: Desenvolvimento de uma teoria das inteligências múltiplas que inclui várias formas de atividade intelectual (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

10. Anders Eriksson (nascido em 1947)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1980.

Contributos para a teoria da inteligência: Exploração do conceito de perícia e do papel da prática na formação de capacidades excecionais (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

11. Sternberg Robert (nascido em 1949)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1980.

Contributos para a teoria da inteligência: Teoria das três componentes da inteligência, distinguindo as componentes da inteligência analítica, prática e criativa (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

12. Anderson John (nascido em 1947)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1980.

Contributos para a teoria da inteligência: Desenvolvimento da ACT-R (Teoria de Ativação e Contextualização de Recursos), que modela a cognição e os processos de tomada de decisão (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

13. Anders Eriksson (nascido em 1947)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1980.

Contribuições para a teoria da inteligência: Exploração do conceito de perícia e do papel da prática na formação de capacidades excecionais (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

14. Sternberg Robert (nascido em 1949)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1980.

Contributos para a teoria da inteligência: Teoria das três componentes da inteligência, distinguindo as componentes da inteligência analítica, prática e criativa (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

15. Anderson John (nascido em 1947)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1980.

Contributos para a teoria da inteligência: Desenvolvimento da ACT-R (Teoria de Ativação e Contextualização de Recursos), que modela a cognição e os processos de tomada de decisão (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

16. Andy Clark (nascido em 1957)

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1990.

Contribuições para a teoria da inteligência: Trabalhos em filosofia e ciência cognitiva, incluindo estudos da interação entre mente, corpo e ambiente externo (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

17. Linda Gottfredson (nascida em 1947):

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 1990.

Contribuições para a teoria da inteligência: Investigação em psicologia diferencial e capacidade intelectual, incluindo trabalho sobre a teoria da inteligência social (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

18. George Miller (1920-2012):

Anos de investigação sobre a inteligência: Durante toda a sua carreira, até 2012.

Contribuição para a teoria da inteligência: Um dos fundadores da psicologia cognitiva que trabalhou sobre o problema das limitações da memória e da percepção humanas (Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

19. Jonghee Yoon (nascido em 1972):

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 2000.

Contribuições para a teoria da inteligência: Investigação em inteligência artificial, aprendizagem automática e desenvolvimento de modelos de aprendizagem por reforço (Guedes, 2008; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

20. Andridan Athanasoski (nascido em 1980):

Anos de investigação sobre a inteligência: Desde a década de 2010.

Contribuições para a teoria da inteligência: Trabalho em inteligência computacional, incluindo investigação em aprendizagem profunda e redes neuronais (Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

Inteligência social - Uma estrutura com múltiplas dimensões.

Ao longo do século XX, o conceito de inteligência social desenvolve-se progressivamente como uma construção multifacetada, absorvendo influências de abordagens clássicas e contemporâneas, tanto no próprio construto quanto nas suas modalidades de avaliação.

Durante cerca de seis décadas (1920-1980), predominou uma investigação teórica e empírica caracterizada por uma visão fragmentada da inteligência social, fundamentada em critérios exclusivamente psicométricos (Candeias & Nunes, 2007), desenvolvimentais (Gibbs & Widaman, 1982; Candeias, 2008) e funcionais (Butler & Meichenbaum, 1981; Candeias & Almeida, 2005).

Nos primórdios da década de 80, uma série de estudos emerge, alterando a perspectiva inicial ao apresentar diversas abordagens complementares na definição do construto. Esse empenho resulta na capacidade de integrar uma crescente complexidade na conceitualização da inteligência social. Nessa fase, observa-se uma notável diversidade de definições do conceito, provenientes de várias correntes teóricas que enfatizam significados distintos e destacam facetas diversas do construto. Essa multiplicidade de abordagens contribui para uma certa confusão na delimitação conceitual e, por conseguinte, na operacionalização do conceito.

O conceito de inteligência social é abordado de várias maneiras na literatura, destacando-se como uma habilidade de resolução de problemas (Pellegrini, 1994), um dos elementos fundamentais da competência social (Greenspan & Driscoll, 1997), uma dimensão na definição de personalidade (Cantor & Kihlstrom, 1989) e, adicionalmente, uma faceta emocional estreitamente vinculada à inteligência emocional (Goleman, 1995). Em outras palavras, alguns investigadores definiram e operacionalizaram o conceito “inteligência social” com base em critérios comportamentais e de competência, tendo como principal foco o desempenho. Destaca-se assim a eficácia comportamental ou competência emergente, derivada de atributos pessoais e habilidades cognitivas (Ford, 1982; Shure, 1982; Cantor e Kihlstrom, 1989).

Em destaque, nestes estudos que abordam a inteligência social, surge uma vertente de natureza motivacional, como se de um traço ou atributo de natureza emocional se tratasse. Este traço expressa-se nos comportamentos e atitudes dos indivíduos, encontrando sua expressão mais intensa nos estudos sobre inteligência emocional (Mayer & Salovey, 1993; Sternberg, 1994; Sternberg, 2000; Candeias, 2002).

Desvendando as Origens da Inteligência Social

O termo "inteligência social" foi utilizado pela primeira vez na psicologia pelo psicólogo e educador americano Thorndike em 1920. Thorndike (1920) utilizou este conceito para descrever a capacidade de interagir eficazmente com outras pessoas em situações sociais.

Ele entendia a inteligência social como a capacidade de compreender as pessoas, de agir ou de atuar de forma sensata em relação a outros membros da sociedade. Thorndike considerou a inteligência social como uma capacidade cognitiva específica que assegura uma interação bem-sucedida com as pessoas e considerou a inteligência social como um tipo de inteligência geral, sem definir a relação entre esta e outros tipos de inteligência. A principal função da inteligência social é a previsão do comportamento (Thorndike, 1920). À luz das ideias anteriores, também este é um bom momento para mais uma breve resenha histórica (Thorndike, 1920; Cantor, 1987; Cherniss, 2000; Durlak, 2011; Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2002; 2009; 2014; 2016).

1. Edward Thorndike (1874-1949)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Início do século XX.

Contribuições para a inteligência social: Trabalhos em psicologia social, incluindo investigação sobre a influência do meio social na capacidade intelectual (Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2014; 2016).

2. David Weiss (1921-2008)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1950.

Contribuições para a inteligência social: Desenvolvimento de uma teoria da inteligência social que inclui o conceito de funções e interações sociais (Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2014; 2016).

3. Chris Argyris (1923-2013)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 1960.

Contributos para a Inteligência Social: Trabalhos em psicologia organizacional, incluindo investigação sobre teoria comportamental e relações interpessoais nas organizações (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2014; 2016).

4. Gene Piaget (1936-2021)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1960.

Contributos para a inteligência social: Trabalhos na área do desenvolvimento sociocognitivo e da influência do meio social nos processos cognitivos (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2014; 2016).

5. John Gottman (nascido em 1942)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1980.

Contributo para a inteligência social: Investigação em psicologia social e relações familiares, incluindo trabalho sobre previsão de divórcios (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2014; 2016).

6. Howard Gardner (nascido em 1943)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1980.

Contributos para a inteligência social: Desenvolvimento da teoria das inteligências múltiplas, incluindo a inteligência social e emocional (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2014; 2016).

7. Deborah Tannen (nascida em 1945)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1980.

Contributos para a inteligência social: Investigação em sociolinguística, incluindo aspetos da comunicação e da interação ao nível da língua (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2014; 2016).

8. Joseph Dodds (nascido em 1945)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1980.

Contributos para a inteligência social: Trabalhos em psicologia social, incluindo o estudo dos aspetos sociais da tomada de decisões e da influência (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015; Boyatzis, 2014; 2016).

9. Daniel Goleman (nascido em 1946)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 1990.

Contributos para a Inteligência Social: Trabalhos no domínio da inteligência emocional, com destaque para as relações interpessoais e a literacia emocional (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

10. David Matthew Lindsay (nascido em 1949)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 1990.

Contributos para a Inteligência Social: Investigação em ciências cognitivas sociais, incluindo interação e relações sociais (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

11. Francis Heild (nascido em 1950)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 1980.

Contributos para a inteligência social: Investigação em psicologia social e competência social (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

12. Gerald Matt (nascido em 1951)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 1990.

Contribuições para a inteligência social: Investigação em psicologia social e relações interpessoais, incluindo o estudo da percepção e influência sociais (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

13. Cheryl Glazer (nascida em 1952)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 1980.

Contributos para a inteligência social: Trabalhos em psicologia social, incluindo estudos de percepção social e influência nos processos sociais (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

14. Chris Fries (nascido em 1952)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1990.

Contributos para a inteligência social: Investigação em psicologia social e relações interpessoais (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

15. Ann Mayer (nascida em 1954)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1980.

Contributos para a inteligência social: Trabalhos em psicologia social e educação, incluindo aspectos de aprendizagem e interação em contextos educativos (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

16. Lisa Blatz (nascida em 1955)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 1990.

Contribuições para a inteligência social: Trabalhos em psicologia social e relações sociais, incluindo o estudo da empatia e das competências interpessoais (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

17. Alan Frisch (nascido em 1962)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1990.

Contribuições para a inteligência social: Investigação em psicologia social, incluindo a percepção social e as relações interpessoais (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

18. Darl Hostedler (nascido em 1962)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 1990.

Contribuições para a inteligência social: Investigação em ciências cognitivas sociais, com ênfase nas interações interpessoais e nas percepções dos outros (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

19. Michelle Hagerty (nascida em 1965)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 1990.

Contributos para a inteligência social: Investigação em psicologia social e percepção social, com ênfase no trabalho em ciências sociais e cognitivas. Michelle Hagerty estuda a conexão social, a influência da dinâmica de grupo na percepção e no comportamento e o papel das emoções nos guiões sociais. O seu trabalho contribui para a compreensão da forma como as pessoas percebem e interagem umas com as outras em situações sociais (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

20. Nicolas Amiot (nascido em 1973)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 2000.

Contributos para a inteligência social: Investigação em psicologia social e relações intergrupais, incluindo trabalho sobre a compreensão das influências socioculturais nas interações (Schulz & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

21. Kate Fox (nascida em 1975)

Anos de investigação sobre inteligência social: Desde a década de 2000.

Contributos para a inteligência social: Investigação em psicologia social e perceção social (Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

22. Robert Stromer (nascido em 1977)

Anos de investigação sobre a inteligência social: Desde a década de 2000.

Contributos para a inteligência social: Investigação em psicologia social, incluindo aspetos da inteligência social (Schults & Schultz, 2014; Bock *et al.*, 2015).

Duelo entre Inteligência Social e Inteligência Emocional

A inteligência social e a inteligência emocional são conceitos relacionados, mas distintos. Explorar as nuances entre elas pode oferecer uma melhor compreensão de como essas inteligências se complementam e diferem uma da outra, contribuindo para o entendimento mais amplo das complexidades humanas (Albrecht, 2006; Chávez & Uceda, 2023).

Edward Thorndike formulou o conceito de inteligência social no início do século XX, enquanto a inteligência emocional foi introduzida por Peter Salovey e John Mayer em 1990 (Mayer & Salovey, 1993; Sternberg, 1994; Sternberg, 2000; Candeias, 2002).

De uma forma bastante simples pode-se afirmar que a inteligência emocional é a capacidade de reconhecer, compreender e gerir as emoções em si mesmo e nos outros. Por seu lado, a inteligência social é a capacidade de entender e lidar com outras pessoas de maneira eficaz.

A inteligência emocional é, portanto, uma habilidade fundamental para a inteligência social, pois permite que as pessoas sejam mais conscientes de suas próprias emoções e das emoções dos outros. A inteligência social, por sua vez, envolve habilidades como empatia, comunicação eficaz e resolução de conflitos.

Ambas as habilidades são importantes para o sucesso pessoal e profissional, e podem ser desenvolvidas ao longo do tempo (Albrecht, 2006; Chávez & Uceda, 2023). A título de resumo foram realizadas duas tabelas onde se podem verificar Pontos em Comum e Pontos Divergentes.

Pontos Comuns entre Inteligência Emocional e Inteligência Social

De acordo com os autores Albrecht (2006) e Chávez & Uceda (2023), há pontos em comum no que diz respeito a essas duas inteligências, incluindo:

1. Consciência Emocional

Ambas abrangem a capacidade de reconhecer e compreender as emoções, tanto nas próprias como nas dos outros.

2. Empatia

Tanto a inteligência social quanto a emocional valorizam a empatia, a habilidade de se colocar no lugar do outro e compreender suas perspectivas emocionais.

3. Habilidades de Comunicação

Ambas destacam a importância das habilidades de comunicação eficazes para construir relacionamentos saudáveis.

Pontos divergentes entre Inteligência Emocional e Inteligência Social

Da mesma forma, os autores Albrecht (2006) e Chávez & Uceda (2023) afirmam a existência de pontos de divergência entre Inteligência Emocional e Inteligência Social:

1. Escopo de Aplicação

A inteligência social concentra-se nas habilidades interpessoais e na compreensão de dinâmicas sociais em grupos. Por outro lado, a inteligência emocional está mais centrada nas emoções individuais e na autogestão emocional.

2. Contexto e Situações

A inteligência social lida especialmente com a interação em contextos sociais mais amplos, enquanto a inteligência emocional foca em lidar com as próprias emoções em diversas situações.

3. Desenvolvimento de Relacionamentos vs. Autogestão

Enquanto a inteligência social destaca a construção e manutenção de relacionamentos, a inteligência emocional está mais voltada para a autogestão emocional, como o controle do estresse e a tomada de decisões sob pressão.

Tendências Atuais na Avaliação da Inteligência Social

Um extenso número de testes destinados a mensurar a inteligência geral foram desenvolvidos e validados ao longo do século atual. Estes têm sido

amplamente utilizados em ambientes clínicos, seleção de pessoal e pesquisa ao redor do mundo.

O conteúdo da competência social e da inteligência social é profundamente moldado pelo contexto cultural. O que é percebido como socialmente inteligente numa cultura pode não ter a mesma interpretação em outra. Em estudos transculturais, qualquer medida de competência social ou inteligência precisa ser cuidadosamente operacionalizada ou adaptada para refletir de maneira precisa as compreensões culturais específicas do conceito (Kankaraš, 2017).

Ainda no que diz respeito a testes de inteligência social ou habilidades sociais em geral, existem várias ferramentas e avaliações que podem ser consideradas. Nomeadamente o **Escala de Habilidades Sociais (TAS)** que efetiva uma avaliação das habilidades sociais em diferentes contextos. A **Escala de Avaliação das Estratégias Sociais** destina-se a avaliar as estratégias sociais específicas. **Escala de Avaliação da Competência Social** avalia a capacidade de compreender e interpretar situações sociais. E ainda o **Inventário de Habilidades Sociais (SSI)** que mede habilidades sociais em crianças e adolescentes. A **Escala de Inteligência Social de Tromsø (TSIS)** que é uma medida multifacetada ao nível da inteligência social. O **Oxford Happiness Questionnaire Short-Form (OHQ-SF)** que se apresenta como uma é uma escala muito utilizada para avaliar a felicidade pessoal. Também a **Social Intelligence (SPACE) Model** que se apresenta como um instrumento com capacidade para medir a inteligência social. E finalmente a **PCIS - Prova Cognitiva de Inteligência Social** que surge como um instrumento avalia a habilidade dos jovens para resolver problemas em situações de relação com os outros (ou seja, de caráter interpessoal).

É crucial ter em mente que a seleção de um teste deve ser feita com cuidado, levando em consideração o seu propósito específico e o contexto da sua aplicação. Além disso, a interpretação dos resultados frequentemente pede expertise especializada em psicométrica e psicologia.

Explorando os Horizontes dos Testes Significativos na Avaliação da Inteligência Social

No intuito de aprofundar a compreensão do construto em estudo e a sua relação com o ambiente social e o mundo profissional foi realizada uma breve investigação internacional. Dentre os estudos identificados, destaca-se:

- **Escala de Habilidades Sociais (TAS)** de Elena Gismero que efetiva uma avaliação das habilidades sociais em diferentes contextos. É uma escala que é administrada a indivíduos **a partir dos 12 anos** e estima-se que possa ser respondida em aproximadamente **15 minutos**. A escala é formada por **33 itens** subdivididos em **6 escalas** que investigam o comportamento habitual do indivíduo em diferentes situações (Pereira & Del Prette, 2003).

A **Escala de Habilidades Sociais (TAS)** de tem sido amplamente utilizado na **área da Psicologia Educacional** uma vez que tem a capacidade de avaliar comportamentos nucleares de três componentes: a cooperação que inclui comportamentos de ajuda, partilha e cumprimento de normas; a asserção que avalia a frequência com que o aluno toma iniciativas como pedir informações ou apresentar-se e as suas respostas e reações aos outros e o autocontrolo que avalia comportamentos como reagir adequadamente em situações conflituosas, assumir compromissos e esperar pela sua vez (Lemos & Meneses, 2002). A investigação não conseguiu encontrar qualquer fundamento valido quanto à validação desta Escala para a população portuguesa.

- A **Escala de Avaliação das Estratégias Sociais** destina-se a avaliar as estratégias sociais específicas que as crianças em idade pré-escolar utilizam nas tarefas sociais de entrada no grupo de pares, manutenção do jogo e resolução de conflitos (Aguiar, 2007). Também muito utilizado em contexto de **Psicologia Educacional** até porque o seu público-alvo é do pré-escolar. Foi validado em Portugal por Fialho, & Aguiar (2017).

- **Escala de Avaliação da Competência Social (EACS)** que avalia a capacidade de compreender e interpretar situações sociais. A escala EACS avalia as competências sociais, através da observação sistemática do comportamento em desempenho de papéis. Consta de quatro situações quotidianas de interação social envolvendo conflitos interpessoais, com variações nos pedidos da situação e no gênero do interlocutor. O desempenho é gravado em vídeo e é observado por observadores previamente treinados para

avaliar, em uma escala tipo Likert de 6 pontos, a competência social global e as dimensões verbal, não-verbal, para linguística, de resolução de problema e de expressividade emocional (Bandeira, 2002). Esta Escala é muito utilizada em contexto de **Psicologia Clínica**. De mencionar o estudo de Bandeira (2002). A validação da versão portuguesa da escala de competências sociais para crianças foi realizada por Medina (2011).

- **O Inventário de Habilidades Sociais (SSI)** é um instrumento de autorrelato, que permite avaliar o repertório de habilidades sociais dos indivíduos em diferentes situações de interação social. Há versões do inventário para adolescentes (IHSA) e para jovens e adultos. O inventário mede dois indicadores: a frequência e a dificuldade com que as pessoas reagem às necessidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2009). Muito utilizado na **Psicologia Clínica**. As investigadoras encontraram estudos sobre o **Inventário de Habilidades Sociais (SSI)** no contexto de problemas conjugais, tendo sido adaptado e validado para a população portuguesa por Aguiar et al (2018).

- **Escala de Inteligência Social de Tromsø (TSIS)**. A escala foi desenvolvida e validada na Universidade de Tromsø, na Noruega por Monica Martinussen em 2001. A escala foi projetada para ser curta e fácil de administrar (Silvera, Martinussen & Dahl, 2001; Zautra; Zautra, Gallardo & Velasco (2015).

A aplicação da TSIS é feita por meio de um questionário de auto-relato, no qual o indivíduo avalia as suas próprias habilidades sociais. O questionário é composto por 21 itens, que são divididos em três fatores: Habilidades Sociais, Comportamento Social e Atitudes Sociais. O indivíduo deve responder a cada item numa escala de 1 a 5, indicando o quanto concorda com cada afirmação (Silvera, Martinussen & Dahl, 2001). Utilizado em **Psicologia Clínica** como forma de avaliar características da personalidade do indivíduo (Kankaras, 2017). A investigação não conseguiu encontrar qualquer fundamento válido quanto à validação desta Escala para a população portuguesa.

- **Oxford Happiness Questionnaire Short-Form (OHQ-SF)**. Esta é uma medida de autoavaliação da felicidade, conhecida como Oxford Happiness Questionnaire-Short Form (OHQ-SF), que avalia o nível de felicidade de um indivíduo por meio de respostas a oito itens. O OHQ-SF é uma versão derivada do Oxford Happiness Inventory (OHI), que originalmente consiste em 29 itens, cada um com quatro opções diferentes para escolha.

A versão mais curta, OHQ-SF, mantém a confiabilidade da escala e foi validada em estudos realizados em diversos países. O questionário inclui afirmações sobre a felicidade, solicitando que o participante indique o grau de concordância ou discordância com cada uma delas. A pontuação no OHQ-SF será calculada com base nas respostas fornecidas (Hills & Argyle, 2002). De acordo com Galvão et al. (2019) o Oxford Happiness questionnaire foi validado para a população Portuguesa. É muito utilizado em **Psicologia Organizacional** e em contextos profissionais (Galvão *et al.*, 2019)

- O **Social Intelligence (SPACE) Model** é um framework desenvolvido por Karl Albrecht para mensurar a inteligência social. O modelo compreende cinco dimensões de avaliação, cada uma representada por um acrônimo:

Consciência Situacional (**S**): Refere-se à capacidade de perceber e compreender situações sociais.

Presença (**P**): Envolve a habilidade de se projetar de forma adequada à situação.

Autenticidade (**A**): Diz respeito à capacidade de ser genuíno e honesto nas interações sociais.

Clareza (**C**): Reflete a capacidade de comunicar de forma clara e eficaz.

Empatia (**E**): Envolve a habilidade de compreender e reagir às emoções dos outros.

A aplicação do modelo SPACE compreende a identificação das habilidades-chave de interação, seguida pela avaliação comportamental dessas habilidades. A eficácia na interação humana está intrinsecamente ligada ao contexto específico em que ocorre, e para alcançar eficácia, é essencial dominar os contextos nos quais se é chamado a interagir (Mulder, 2018).

Denominado modelo SPACE, esta estrutura foi concebida para auxiliar os indivíduos no desenvolvimento de sua inteligência social e no aprimoramento de suas competências interpessoais sendo muito utilizado em **Psicologia Organizacional** (Mulder, 2018; Albrecht, 2020). A investigação não conseguiu encontrar qualquer fundamento válido quanto à validação desta Escala para a população portuguesa.

Prova Cognitiva de Inteligência Social (PCIS)

Em Portugal, um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da inteligência social é realizada por meio da **Prova Cognitiva de Inteligência**

Social (PCIS), desenvolvida por Candeias (2002). Esta prova adota uma perspectiva triádica, integrando aspetos processuais, experienciais e contextuais na compreensão da faceta cognitiva da inteligência social. A prova opera a faceta cognitiva da inteligência social como um processo de resolução de problemas interpessoais, abordando dois níveis de análise: o processual e o estrutural.

A PCIS oferece uma visão abrangente da inteligência social, considerando aspetos processuais, experienciais e contextuais. A sua aplicação flexível permite uma avaliação personalizada, adaptando-se tanto a avaliações individuais, quanto a dinâmicas de grupo.

No primeiro nível, a atenção recai sobre procedimentos para analisar o processo cognitivo de resolução de problemas interpessoais, considerando componentes de performance e meta componentes. Essa abordagem pressupõe que o desempenho face aos problemas interpessoais é um meio privilegiado para ter acesso aos componentes usados na elaboração e execução das estratégias de resposta. No segundo nível, a ênfase é colocada na utilização de procedimentos voltados à análise dos conteúdos das estratégias de negociação e resolução de problemas interpessoais. Essa abordagem presume que é possível inferir uma estrutura cognitiva e os elementos constituintes da competência de organização do comportamento a partir da ação.

Os estudos desta prova revelaram que ela avalia três dimensões da faceta cognitiva de inteligência social: habilidade para resolver problemas sociais estruturados, habilidade para resolver problemas sociais pouco estruturados e habilidade metacognitiva sobre problemas sociais. Essas dimensões indicam a existência de aspetos da inteligência social mais direcionados à informação conhecida, organizada e estruturada, e outra dimensão mais associada ao tratamento de informação pouco organizada e pouco estruturada. A terceira dimensão focaliza o pensamento analítico, especialmente a comparação e justificação de diferentes tipos de informação, e está inserida nos metacomponentes do processo de tratamento de informação social (Candeias, 2002).

Esse instrumento é adequado para jovens entre 12 e 18 anos, composto por seis situações sociais em formato pictórico (três estruturadas e três não estruturadas), cada uma delas acompanhada por oito questões (seis semiestruturadas e duas estruturadas). As qualidades psicométricas desta prova

são bastante satisfatórias, apresentando valores de consistência interna de 0.95 na escala completa e de 0.85 a 0.90 nas subescalas. A estrutura multidimensional da escala foi confirmada por análise fatorial. Estudos de validade substantiva destacaram a distinção entre o construto de inteligência social avaliado pela PCIS e os construtos de inteligência acadêmica e competência social. Além disso, a escala mostra razoáveis indicadores de validade externa, como a falta de relação ou uma relação muito baixa com as notas escolares (matemática e português: -0.002 e 0.163, respetivamente), e uma relação moderada com o raciocínio verbal (0.382 a 0.439). A análise das estimativas de variância (teoria da generalizabilidade) confirmou que os conteúdos das situações não são fatores significativos de variabilidade no desempenho das subescalas da PCIS. Portanto, os resultados nas subescalas da PCIS são explicados por fontes de variabilidade associadas a fatores inerentes às pessoas (Candeias, 2002).

Descrição da prova

A Prova Cognitiva de Inteligência Social (PCIS), concebida pela renomada autora Adelinda Araújo Candeias, representa uma valiosa contribuição para a avaliação da inteligência social em jovens na faixa etária entre 12 e 17 anos. Com a sua abordagem cuidadosamente desenvolvida, a PCIS destaca-se como uma ferramenta única e sensível para a compreensão das habilidades cognitivas no contexto das interações interpessoais.

A proposta apresentada destaca a importância da Prova de Competências em Interação Social (PCIS) como uma ferramenta fundamental para avaliar as necessidades e habilidades dos jovens no contexto das relações interpessoais. A abordagem da prova, que incorpora imagens relacionadas a eventos quotidianos, é apontada como atrativa para os jovens e essencial para garantir a eficácia e validade das análises psicológicas.

A metodologia adotada permite uma avaliação precisa das características cognitivas, emocionais e comportamentais dos jovens durante interações sociais. A PCIS fornece quatro resultados distintos, cada um abordando aspetos específicos:

• Índice de Resolução de Problemas em Situações Sociais:

Avalia a capacidade dos jovens para resolver problemas no contexto das relações sociais, indicando suas habilidades práticas nesse domínio.

- **Índice de Motivação para a Resolução de Situações Sociais:**

Mede o nível de motivação dos jovens para lidar com situações sociais, refletindo o seu interesse e empenho em enfrentar desafios interpessoais.

- **Índice de Autoconfiança na Resolução de Situações Sociais:**

Foca na autoconfiança dos jovens ao abordar questões sociais, proporcionando insights sobre a sua autoestima e segurança nas interações sociais.

- **Índice de Familiaridade com a Resolução de Situações Sociais:**

Explora o grau de familiaridade dos jovens com a resolução de situações sociais, indicando a sua experiência prévia e conhecimento nesse âmbito.

A PCIS emerge como uma ferramenta abrangente e multidimensional, capaz de fornecer informações valiosas para profissionais da psicologia que buscam compreender e apoiar o desenvolvimento social e emocional dos jovens.

Instrumentos

A Prova Cognitiva de Inteligência Social (PCIS), desenvolvida por Candeias & Nunes em 2007, representa uma abordagem robusta centrada no cognitivismo da inteligência. Destinada a **adolescentes entre 12 e 17 anos** (7.º - 12.º ano de escolaridade), esta ferramenta encontra-se validada e aferida para a população portuguesa (Candeias & Nunes, 2007).

O objetivo primordial da PCIS é avaliar a capacidade dos participantes para interagir em contextos sociais, abrangendo processos de resolução de problemas inerentes a essas interações, bem como competências de liderança e resolução de conflitos. A prova adota uma **abordagem não-verbal e figurativa**, apresentando **três situações-estímulo**.

Cada situação é acompanhada por **10 questões abertas**, desafiando os participantes a resolverem problemas de forma detalhada, permitindo o uso de anotações ou esquemas para concretizar o plano (Candeias & Almeida, 2005). Adicionalmente, **seis questões de resposta fechada**, utilizando uma escala tipo Likert de cinco pontos, desde "Nenhum" (1) até "Bastante" (5), completam o conjunto, totalizando 48 itens (Candeias & Almeida, 2005).

Essas questões são organizadas em quatro dimensões, correspondendo a quatro índices distintos. O **Índice de Resolução de Problemas em Situações Sociais** aborda itens relacionados à resolução de problemas em termos de

conteúdo, processos ou estrutura. O **Índice de Motivação para a Resolução de Situações Sociais** engloba itens das componentes atitudinais relacionadas à motivação. O **Índice de Autoconfiança na Resolução de Situações Sociais** reflete a confiança expressa na resolução de situações sociais. Por fim, o **Índice de Familiaridade com a Resolução de Situações Sociais** aborda a percepção de familiaridade, experiência anterior ou conhecimento da situação social em questão (Candeias, 2002). Essa abordagem estruturada permite uma avaliação abrangente e diferenciada das diversas facetas da inteligência social em adolescentes portuguesa título individual ou em grupo com uma duração variável.

O teste PCIS é constituído pelo seguinte material:

- Manual Técnico;
- Folhas de Resposta;
- Folhas de Cotação.

A versatilidade da PCIS não se limita apenas à avaliação individual, permitindo a sua aplicação em dinâmicas de grupo, promovendo uma compreensão mais ampla das interações sociais dentro de contextos diversos. A duração variável da prova adapta-se às necessidades e ritmo dos participantes, assegurando uma avaliação abrangente e minuciosa.

Em resumo, a Prova Cognitiva de Inteligência Social (PCIS), representa uma ferramenta essencial para profissionais e pesquisadores interessados em compreender e avaliar a inteligência social em jovens portugueses, proporcionando insights valiosos para o campo da psicologia e desenvolvimento humano.

2. CONCLUSÃO

Ao longo dos anos, o conceito de inteligência, inicialmente introduzido por Francis Galton e ampliado por Thorndike com a introdução da "inteligência social", tornou-se crucial em diversos contextos, permeando os campos da Psicologia educacional, organizacional, clínica e forense. As constantes mudanças na sociedade destacaram a importância da inteligência social, levando a um movimento no campo da Psicologia para uma compreensão mais profunda e avaliação mais abrangente dos indivíduos.

Nesse sentido, surgiram diversas escalas e instrumentos, como a Escala de Habilidades Sociais (TAS), a Escala de Avaliação das Estratégias Sociais, a Escala de Avaliação da Competência Social, o Inventário de Habilidades Sociais (SSI), a Escala de Inteligência Social de Tromsø (TSIS), o Oxford Happiness Questionnaire Short-Form (OHQ-SF), o Social Intelligence (SPACE) Model e a PCIS - Prova Cognitiva de Inteligência Social. Estas ferramentas visam não apenas compreender, mas também avaliar as habilidades sociais em diferentes contextos, proporcionando uma visão multifacetada da inteligência social.

Dessa forma, a evolução destes instrumentos reflete o reconhecimento da importância da inteligência social na vida contemporânea e destaca a necessidade contínua de aprimoramento e adaptação dessas ferramentas para enfrentar os desafios interativos e interpessoais da sociedade moderna.

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, C. (2007). Escala de Avaliação das Estratégias Sociais. Instrumento não publicado. UIPCDE, ISPA –Instituto Universitário, Lisboa, Portugal
- Aguiar, J. C. S., Matias, M., Barham, E. J., Fontaine, A. M. G. V., & Del Prette, Z. A. P. (2018). An initial study of the Internal Validity of the Portuguese Adaptation of the Marital Social-Skills Inventory. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(3), 275-285. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000300006>.
- Albrecht, K. (2020). *Social Intelligence: The New Science of Success*. M. Books
- Bandeira, Marina. (2002). Escala de Avaliação da Competência Social de Pacientes Psiquiátricos através de Desempenho de Papéis: EACS. *Avaliação Psicológica*, 1(2), 159-171. Recuperado em 01 de janeiro de 2024.
- Bock, Ana M.; Gonçalves, Maria da G.; Furtado, Odair. (2015). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 6 ed. São Paulo: Cortez disponível em: <https://www.ex-isto.com/2021/07/psicologia-socio-historica-livro.html>
- Boyatzis, R.E., Stubbs, L., and Taylor, S. (2002), “Learning cognitive and emotional intelligence competencies through graduate management education,” *Academy of Management Journal on Learning and Education*, Vol. 1 No. 2, pp. 150-162.
- Boyatzis, R. E. (2009). A behavioral approach to emotional Intelligence. *Journal of Management Development*, 28(9): 749-770.
- Boyatzis, R. E., Rochford, K., & Jack, A. I. (2014). Antagonistic neural networks underlying differentiated leadership roles. *Frontiers in Human Neuroscience*, 8.
- Boyatzis, R. (2016). *Social Intelligence*. Prepared for Annamaria Di Fabio, Donald H. Saklofske & Con Stough (eds). *The Wiley Encyclopedia of Personality and Individual Differences, Volume III: Personality Processes and Individual Differences*.
- Butler, L. & Meichenbaum, D. (1981). The assessment of interpersonal problem-solving skills. In Ph. Kendall & S. D. Hollon (Eds.), *Assessment Strategies for Cognitive-Behavioral Interventions* (pp. 197-226). New York: Academic Press.
- Candeias, Adelinda Maria Araújo. (2002). Inteligência Social e Resolução de Problemas Sociais – Avaliação dos preditores da realização cognitiva social em jovens. *Revista Psicologia e Educação*. Vol. 1, nºs 1 e 2. dez.
- Candeias, A. A. & Almeida, L. S. (2005). Competência social: A sua avaliação em contexto de desenvolvimento e educação. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 2 (9), p.359-378.

Candeias, A. A., & Jesus, A. (2006). Inteligência social e inteligência emocional – contributos para o estudo da sua interação em profissionais de enfermagem. In N. R. Santos, M. L. Lima, M. M. Melo, A. A. Candeias & A. A. Calado (Orgs.), *Actas do Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia: VI Simpósio Nacional* (Vol. XIX, pp.19-34). Évora: Universidade de Évora. (ISBN: 972-98136-7-1)

Candeias, A. A. (2008). *Inteligência Social: O que é e como se avalia?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Candeias, A. A., & Nunes, F. (2007). Competência Humana - Questões acerca da sua natureza. In A. A. Candeias, & L. Almeida (Coords.), *Inteligência Humana: Investigação e Aplicações* (pp. 335- 342). Coimbra: Quarteto.

Candeias, A. A. & Canhoto, M. (2019). Estudos de Inteligência emocional em contextos profissionais com o IEVQ: Metanálise dos trabalhos de adaptação à população portuguesa. In, A.A. Candeias, (Coord.). *Desenvolvimento ao longo da vida: Aprendizagem, Bem-estar e Inclusão* (Cap. 11, pp. 190-203). Évora: Universidade de Évora.

Cantor, N., & Kihlstrom, J.F. (1987). *Personality and social intelligence*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.

Cantor, N. & Kihlstrom, J. (1989). Social intelligence and cognitive assessment of personality. In R. Wyer & Th. Scrull (Eds.), *Advances in Social Cognition* (Vol. II, pp. 1-60). NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Chávez L., S., & Uceda D., S. (2023). Programa de inteligencia emocional y la mejora de la inteligencia social en docentes de una institución educativa pública. *SCIÉENDO*, 26(1), 7-12. <https://doi.org/10.17268/sciende.2023.001>.

Cherniss, C. and Adler, M. (2000), *Promoting Emotional Intelligence in Organizations: Make Training in Emotional Intelligence Effective*, American Society of Training and Development, Washington D.C.

Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (2009). Avaliação de habilidades sociais: bases conceituais, instrumentos e procedimentos. In A. Del Prette & Z.A.P. Del Prette (Orgs.), *Psicologia das habilidades sociais: Diversidade teórica e suas implicações* (pp. 187-229). Petrópolis: Vozes.

Durlak, J.A., Weissberg, R.P., Dymnicki, A.B., Taylor, R.D. & Schellinger, K.B. (2011). The Impact of Enhancing Students' Social and Emotional Learning: A Meta-Analysis of School-Based Universal Interventions. *Child Development*, (82:1), pp. 405–432.

Fialho, M., & Aguiar, C. (2017). Escala de Avaliação das Estratégias Sociais: Um estudo de validação com crianças em idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 35(1), 101-115. <https://doi.org/10.14417/ap.1198>.

Ford, M. (1995). Intelligence and personality in social behavior. In D. Saklofske & M. Zeidner (Eds.), *International Handbook of Personality and Intelligence* (pp. 125-140). New York: Plenum Press Press.

Galvão, Ana Maria; Jesus, Saúl Neves de; Pinheiro, Marco (2019). As Dimensões da felicidade evidenciadas na versão Portuguesa do Oxford Happiness questionnaire. In V Congresso Ibero-Americano e Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde/I Congresso Promoção da Saúde e do Bem-Estar no Ensino Superior. Algarve. ISBN 978-989-8859-73-0. p. 17-17.

Gibbs, J. & Widaman, K. (1982). *Social intelligence: Measuring the development of sociomoral reflection*. London: Prentice-Halls, Inc.

Goleman, D. (1995). *Emotional Intelligence*. New York: Bantam Books.

Goleman, D. (2006), *Social Intelligence*, Bantam Books, NY.

Greenspan, S. & Driscoll, J. (1997). The role of intelligence in a broad model of personal competence. D. Flanagan, J. Genshaft & P. Harrison (Eds.), *Contemporary intellectual assessment: Theories, tests, and issues* (pp. 131-150). London: The Guilford Press.

Guedes, MC. (2008). História da Psicologia: recurso para formação de pesquisadores e de psicólogos. In FREITAS, RH., org. *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, pp. 125-133. ISBN: 978-85-99662-83-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

Hills, P., & Argyle, M. (2002). *Oxford Happiness Questionnaire--Short Scale (OHQ)* [Database record]. APA PsycTests.

Lemos & Meneses (2002). A avaliação da competência social: versão portuguesa da forma para professores do SSRS. *Psic.: Teor. e Pesq.* 18 (3) • Dez <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000300005>

Kankaraš, M. (2017), "Personality matters: Relevance and assessment of personality characteristics", *OECD Education Working Papers*, No. 157, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/8a294376-en>.

Mayer, J., Salovey, P. & Caruso, D. (2000). Models of emotional intelligence. In R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of Intelligence* (pp. 396-420). Cambridge: Cambridge University Press.

Medina, Elsie Gomes. (2011). *Validação da versão portuguesa de uma escala de competências sociais para crianças*. (Dissertação de Mestrado) Instituto Universitário de Lisboa.

Mulder, P. (2018). *Social Intelligence (SI)*. Retrieved [insert date] from Toolshero: <https://www.toolshero.com/communication-methods/social-intelligence/>

Pellegrini, D. (1994). Training in interpersonal cognitive problem-solving. In M. Rutter, E. Taylor & L. Hersov (Eds.), *Child and adolescent psychiatry: Modern approaches* (3rd ed.). Oxford: Blackwell Scientific Public.

Pereira Del Prette, Z., & Del Prette, A. (2003). Psicología de las habilidades sociales: terapia y educación. *Revista Evaluar*, 3(1). Recuperado de <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/revaluar/article/view/609/578>

Thorndike, E. L. (1920). Intelligence and its use. *Harper's Magazine*, 140, 227-235.

Rodrigues, Fabiano. (2021). Inteligência social. *Ciência Latina Revista Científica Multidisciplinar*. 5. 10.37811/cl_rcm. v5i6.1148.

Schultz, Duane P.; Schultz, Sydney Ellen. (2014). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cengage Learning

Silvera, D. H., Martinussen, M. & Dahl, T. I. (2001). The Tromsø Social Intelligence Scale is a self-report measure of social intelligence. *Scandinavian Journal of Psychology*, 42, 313±319

Sternberg, R. J. (1994). Contemporary approaches to the study of thinking and problem-solving. In R. Sternberg (Ed.), *Handbook of Perception and Cognition* (pp. 37-81). New York: Academic Press.

Sternberg, R. J. (2000). *Inteligência para o sucesso pessoal* (1.^a ed. port., 1^aed. or., 1996). Rio de Janeiro: Ed. Campus.

Zautra EK, Zautra AJ, Gallardo CE, Velasco L (2015) Can We Learn to Treat One Another Better? A Test of a Social Intelligence Curriculum. *PLoS ONE* 10(6): e0128638 doi: 10.1371/journal.pone.0128638

Agência Brasileira ISBN
ISBN: 978-65-982396-0-2